

A CIDADE DO RIO DE JANEIRO
CULTURA URBANA E IMAGEM TURÍSTICA
THE CITY OF RIO DE JANEIRO
URBAN CULTURE AND TOURISTIC IMAGE

AMANDA DANELLI COSTA | Professora adjunta do Departamento de Turismo do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduada em História pela Uerj. Mestre e doutora em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RESUMO

A principal imagem turística do Rio de Janeiro está relacionada à sua paisagem urbana e, desde os anos 1920, é conhecida como cidade maravilhosa. A pesquisa em guias e mapas turísticos do início do século XX contribuiu para a análise da formação e transformação da imagem turística da cidade.

Palavras-chave: Rio de Janeiro; cultura urbana; imagem turística; guias turísticos.

ABSTRACT

The main touristic image of Rio de Janeiro is related to its urban landscape and, since 1920s, the city has been known as the wonderful city. Research in the travel guides and maps of Rio de Janeiro of the beginning of the 20th century has contributed to the analysis of the formation and transformation of the city's touristic image.

Keywords: Rio de Janeiro; urban culture; touristic image; travel guides.

RESUMEN

La principal imagen turística de Rio de Janeiro está basada en su paisaje urbana, y desde los años 1920, es conocida como la ciudad maravillosa. La investigación en las guías y mapas de viaje de los primeros años del siglo XX contribuye para un análisis de la formación y transformación de la imagen turística de Rio de Janeiro.

Palabras clave: Rio de Janeiro; cultura urbana; imagen turística; guías de viaje.

A cidade do Rio de Janeiro possui o traço singular de, ao mesmo tempo, expressar um espírito tipicamente carioca e preservar algumas qualidades plurais que resultam do seu cosmopolitismo. Justamente por ter se caracterizado por uma forte autonomia no período colonial e também ter representado o país desde fins do século XVIII até 1960, sendo capital por muitos anos, a cidade atualmente permite que o carioca ou um visitante encontre nela vários elementos dos regionalismos brasileiros e também dos estrangeirismos. O Rio de Janeiro correu o risco, com isso, de se despersonalizar e acabar se parecendo com lugar nenhum. Pela via inversa, o que se observou foi o desenvolvimento de uma qualidade muito marcante do espírito carioca que é a de se apropriar das diversidades, produzindo releituras de tudo o que alimenta e inspira a cidade. Esse caráter conferiu à cidade e ao carioca a particularidade de se adornarem com suficiente autenticidade de tudo aquilo com que travam contato.

A partir do momento em que a cidade não manteve mais o seu caráter exclusivamente municipal e passou a exercer as funções de uma capital, foi necessário que os cariocas encontrassem meios de preservar sua singularidade, que pressupunha os necessários reajustes de caráter levando-se em conta a diversidade de encontros. Desde o século XIX, foi na esfera intelectual e especialmente na literatura que se desenhou um fértil território que permitia a produção de uma reflexão sobre a cidade e a observação de que, no mesmo espaço da cidade-capital, conviviam vários lugares simbólicos, que ora diziam respeito exclusivamente à cidade e ora refletiam a força da centralidade da capital. Essa e outras tensões foram registradas por cronistas que acompanharam os processos de modernização urbana do Rio de Janeiro no início do século XX.

Foi também ao longo do século XX que a cidade passou a receber cada vez mais turistas, que vinham com expresso desejo de lazer e, portanto, não visavam a se dedicar a outras atividades, fossem elas exploratórias, científicas ou artísticas. Desse modo, foram construídas e reconstruídas pouco a pouco as imagens turísticas do Rio de Janeiro, que eram responsáveis por atrair os turistas e pelas quais os estrangeiros e os visitantes de outros estados brasileiros reconheciam a cidade. A imagem turística de um lugar é, portanto, uma construção subjetiva que coloca em diálogo os imaginários do lugar a ser visitado e dos seus visitantes. Na medida em que o fluxo turístico ou a cidade passa por transformações, também enfrenta mudanças em sua imagem turística. Partimos do pressuposto de que ainda hoje a imagem que mais atrai o olhar dos visitantes para o Rio de Janeiro é a sua paisagem urbana, especialmente aquela espalhada entre o mar e as montanhas. Veremos adiante que os laços com essa paisagem estiveram presentes ao longo de todo o século XX, mas também observaremos que as relações de apreciação e fruição dessa paisagem urbana mudaram com as transformações que se passaram na cultura urbana carioca.

RIO DE JANEIRO: DE CIDADE DAS LETRAS À CIDADE MARAVILHOSA

A centralidade da cidade capital, na virada do século XIX para o XX, ao mesmo tempo em que possibilitava a concentração de tantos literatos também estimulava que a própria

cidade se tornasse o motivo de seus escritos, o que acabou oferecendo ao Rio de Janeiro uma experiência literária bastante fecunda, associada a uma vida cultural efervescente. Desde a geração de 1870¹ até o início dos anos 1920, a cidade do Rio de Janeiro foi o lugar onde se concentrou o maior número de literatos, que constituíram os clássicos da literatura brasileira. O momento em que a literatura brasileira se questionava a respeito das suas cores locais, sua brasilidade, suas relações com a conformação de um caráter nacional e ainda com a universalidade dos seus traços, foi também o momento de decisivo desenvolvimento da imprensa brasileira, especialmente a da capital federal. Muitos dos literatos brasileiros mais citados desde então – José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac – estiveram envolvidos como editores, redatores, colunistas de muitos dos periódicos que circularam no Rio de Janeiro entre 1870 e 1920. Muitos clássicos posteriormente publicados pelas editoras chegaram primeiro ao público através dos folhetins. De algum modo, os debates e as querelas políticas e intelectuais fizeram da literatura o seu ambiente principal e da imprensa o lugar de fala com alcance ainda mais amplo, envolvendo os literatos com a vida pública carioca.

De um modo geral, os literatos faziam do envolvimento com o jornalismo a oportunidade de um ganho mais estável da vida, tendo em vista que as publicações pelas editoras estavam submetidas a uma sazonalidade e incerteza muito grandes. O trabalho em jornais e o serviço público foram os principais aliados para que muitos deles pudessem ganhar um soldo e, então, investir na literatura. Assim, era bastante comum que os temas mais atuais e relevantes no âmbito da política, da filosofia e da cultura estivessem presentes nas colunas dos periódicos por meio da pena dos grandes nomes da literatura brasileira. Por um lado, a imprensa acabou popularizando as letras entre os mais variados leitores; por outro lado, a literatura teve muitas vezes de se adaptar às características específicas do suporte jornalístico. As crônicas, por exemplo, ganham a cena como um dos gêneros literários mais recorrentes entre os literatos brasileiros nesse período, por se tratar de um gênero muito associado à condição transitória do tempo e, portanto, servir como um excelente registro da modernidade carioca (Costa, 2011). A partir do momento em que transformaram a crônica no seu modo particular de comunicar, os cronistas refiguraram a cidade, que tematizavam em suas linhas, em uma cidade de letras.² É importante sublinhar que as primeiras décadas do século XX foram um momento bastante expressivo de uma cultura urbana carioca que estava fortemente vinculada à experiência literária que a cidade experimentava. Era precisamente através das letras, das crônicas e da divulgação dessas matérias via imprensa que os literatos contribuíam para que a cidade se observasse e se pensasse, produzindo uma

1 A geração de 1870 compreendeu intelectuais que contribuíram, através literatura, tanto para a criação de novas formas de ação política como para o desenvolvimento de uma compreensão da nação brasileira e suas práticas sociais e culturais, em meio à crise do império brasileiro. Ver Alonso, 2002, p. 392.

2 A expressão “cidade das letras” se inspira nos argumentos do historiador uruguaio Angel Rama, e em seu livro “A cidade das letras”, na medida em que ele observa que os grupos intelectuais – por vezes coincidentes com os grupos dirigentes – são capazes de construir uma cidade que coexiste em relação à cidade real, visto que é esse grupo o responsável por produzir a esfera simbólica da cidade.

ideia de si própria e que tinha como o seu centro gravitacional o Centro da cidade do Rio de Janeiro e as sociabilidades que ali eram possíveis.

Um dos momentos históricos mais pesquisados sobre o Rio de Janeiro é precisamente o início do século XX e as transformações urbanas que a cidade viveu naquele momento. A aliança entre governo federal e Prefeitura permitiu que o projeto de reformas saísse do papel e alcançasse seus objetivos mais importantes em um intervalo de apenas quatro anos. O nome do prefeito Pereira Passos é ainda hoje lembrado porque as condições dadas pela direção federal permitiram que as obras fossem levadas a cabo, tendo como resultado uma realização de sucesso, inédita até então na história da cidade. Tais transformações urbanas, entretanto, não se restringiram às reformas do porto, às demolições, às construções de novas ruas e avenidas ou à modernização arquitetônica da cidade. Elas abarcam todas as mudanças afetadas por processos de modernização, que ora estão relacionados ao progresso material e à presença da tecnologia e ora se vinculam ao desenvolvimento do espírito e, por conseguinte, à maneira como a sociedade carioca passou a se perceber. A imprensa, por exemplo, estava associada aos dois âmbitos, uma vez que sofreu uma revolução com a chegada de novas técnicas de impressão, mas também porque se tornou o ambiente frequentado pelos intelectuais que pensavam a cidade, lançavam modismos, lapidavam o gosto carioca entre as muitas influências nacionais e estrangeiras e opinavam sobre cada momento vivido pela cidade. A cidade das letras era propriamente aquela que escolheu explorar como objeto de observação e interpretação a própria cidade do Rio de Janeiro. Desde a realização de saraus, tertúlias, enquetes, conferências até a publicação de matérias, colunas, revistas, livros inteiramente dedicados à cidade, o que se via era que os literatos recriavam a cidade real através da literatura.

A efervescência cultural da cidade do Rio de Janeiro em sua *belle époque*, em muito estimulada a partir das experiências estrangeiras, transformou o Centro da cidade, reformado, em um espaço de fruição e lazer dos próprios cariocas. As confeitarias, cafés, bares, cabarés, cervejarias, restaurantes, sorveterias, livrarias, teatros e cinemas reanimaram o espírito da cidade, fazendo da rua o lugar de encontros, trocas, flertes, conversas, sociabilidades que não estavam confinadas às paredes dos espaços privados, mas que, pelo contrário, contaminavam a ambiência e envolvia os cariocas em uma rede simbólica que costurava o imaginário urbano a partir das vivências culturais e dos eventos sociais cotidianos na cidade.

Durante os primeiros anos republicanos, o espírito da cidade era comumente traduzido pelas letras que pensavam e contavam a vida no Rio de Janeiro. Embora a expressão cidade das letras nunca tenha se tornado um epíteto para a cidade do Rio de Janeiro, foi através da literatura que o escritor Coelho Netto adjetivou-a como *cidade maravilhosa*. Os contos reunidos em “A cidade maravilhosa”, livro publicado em 1928, confirmam a estreita relação entre o universo da cultura e das letras na cidade. A expressão *cidade maravilhosa*, presente depois em nome de programa radialístico e consagrada em marchinha de carnaval, é até hoje o epíteto mais popular da cidade do Rio de Janeiro. A expressão, surgida em uma ambiência carioca que valorizava sobremaneira as diversões, lazeres e sociabilidades associadas

a uma cultura urbana sediada no Centro da cidade, hoje representa, para o senso comum, as belezas das paisagens naturais que a cidade possui e que são identificadas especialmente pelas praias da Zona Sul carioca.

Ainda no século XIX, bairros como Flamengo e Botafogo foram ocupados pela gente abastada que desejava usufruir da amplidão dos terrenos, das brisas marítimas e dos banhos medicinais na baía de Guanabara. Um dos exemplos mais importantes desse fenômeno é o de que Carlota Joaquina manteve uma casa em Botafogo, de frente para a baía de Guanabara. Antes da chegada da Corte, a cidade do Rio de Janeiro se via concentrada e limitada por quatro morros: morro de Santo Antônio, morro do Castelo, morro de São Bento e morro da Conceição, todos na região do Centro da cidade, margeados pela baía de Guanabara. A partir de 1808, muitos incentivos foram dados para estimular a ocupação de outras áreas da cidade, entre elas os bairros da Zona Sul banhados pela baía: Glória, Flamengo, Botafogo. Mais uma vez a expansão e a ocupação da cidade dependiam das relações tensas entre os projetos de cidade ideal civilizada e a natureza primitiva e selvagem. Assim, ainda sem vencer os morros da cidade, o desenvolvimento seguiu o rumo da orla na estreita faixa entre os morros e a baía de Guanabara. Não tardou que o desmonte dos morros e a criação de túneis se tornassem uma questão central para os engenheiros e higienistas que estiveram à frente da cidade a partir do início do século XX. Enquanto isso, as famílias enriquecidas investiam nos bairros próximos à orla, enquanto o interior da cidade – a Tijuca, por exemplo – fazia as vezes de sítio afastado e bucólico.

Já na década de 1920, não era mais exclusivamente o Centro da cidade, reformado durante os anos Pereira Passos, seus bulevares abertos, edifícios neoclássicos erguidos e a civilidade burguesa parisiense que impressionavam em uma visita ao Rio de Janeiro. Desde o final do século XIX, com a abertura de túneis e a instalação de novas linhas de bondes, os bairros atlânticos vinham se tornando crescentemente a menina dos olhos dos prefeitos, das construtoras e dos especuladores imobiliários. O discurso higienista e civilizatório encontrava respaldo nos usos e projetos destinados àquela região da cidade, que tal como um grau zero, era vista como um lugar fértil para o desenvolvimento dos projetos de progresso e civilidade (O'Donnell, 2013, p. 32).

Os parâmetros de vanguarda associados à fruição da cultura em espaços fechados – como se via em metrópoles mundo afora – aportaram na cidade do Rio de Janeiro durante o século XIX e construíram um importante terreno de contraste quando então, em princípios do século XX, aportaram os novos parâmetros de valorização, não menos civilizados, dos usos de espaços ao ar livre para a saúde do corpo e da mente, como eram as praias quase selvagens dos bairros atlânticos – Leme, Copacabana, Ipanema e Leblon. Enquanto em 1900 a vida burguesa estava associada aos hábitos notívagos e boêmios vividos especialmente em lugares fechados, como os cafés, bares, cabarés, os anos 1930 apresentaram um novo padrão de vida burguesa representada por hábitos diurnos, de dedicação à saúde, preferencialmente em espaços amplos e ao ar livre. Exemplo disso é que um dos caminhos abertos para Copacabana foi iniciativa de um empreendedor que possuía um hotel destinado ao turismo, muito próximo à atual ladeira dos Tabajaras.

O fenômeno do turismo destinado à cura cresceu na segunda metade do século XIX impulsionado pelos avanços na medicina, que apontavam os ares serranos mais puros e os banhos em águas gélidas como parceiros no tratamento de diversos males, inclusive psiquiátricos (Urry, 2001, p. 35). A postura em relação aos banhos não era livre como hoje, pelo contrário, obedecia a uma prescrição rigorosa dos médicos, que apontavam o melhor horário para o banho, quantos minutos de imersão deveriam transcorrer e em que situações ele deveria ser interrompido. Tantos cuidados exigiam o acompanhamento médico, cada vez mais comum, nas estações de banho que se espalharam pela Inglaterra e França no século XIX. Assim, os impulsos para o crescimento de estações de banho e balneários encontravam motivação na tentativa de associar um processo de aburguesamento aos zelos com a saúde.

No Rio de Janeiro essa flutuação dos hábitos da vida é bastante visível na maneira como se desenvolveu o bairro de Copacabana. Nos anos 1910, era muito bem visto que os moradores do bairro circulassem pela cidade durante os fins de semana, aproveitando os aspectos positivos de morar em um bairro atlântico e de estar a menos de meia hora do Centro, onde se poderia usufruir de outra sorte de lazeres. O traço cosmopolita do crescimento da cidade estava presente justamente na abertura para a circulação, na diversidade de usos que a cidade possuía. O mar, fosse o Atlântico ou o porto na baía de Guanabara, representava o cosmopolitismo, porque era através dele que as trocas culturais se estabeleciam.

Em meados dos anos 1920 a postura dos moradores de Copacabana – bem como Ipanema e Leblon – já era a de demandar uma distinção daquele antigo arrabalde dos demais bairros da cidade, sobretudo os mais populares, valorizando cada vez mais o exercício de afazeres e costumes praianos como dado elementar de status social. A circulação se tornou cada vez mais um atributo dos moradores dos bairros da Zona Sul, respeitados os limites do Centro da cidade e a “excentricidade”³ dos bairros mais populares da Zona Norte (O’Donnell, 2013, p. 141).

A cidade maravilhosa, de sol e mar, é nos dias de hoje uma imagem vinculada e veiculada exclusivamente aos aspectos positivos da vida – ativa e, sobretudo, contemplativa – que se observa pela orla desde a Barra da Tijuca até o Centro da cidade. Entre os anos 1900 e 1930, entretanto, ela foi fruto da intervenção da cidade das letras. Não apenas porque o epíteto tenha surgido nos contos de Coelho Netto, literato muito presente na imprensa carioca, mas porque o estilo de vida corrente nos bairros atlânticos não era – como o mar, a praia, os morros – uma natureza. O que se tornou a forma corrente de frequentar as praias foi ensinado ao carioca através da coluna Iracema na *Revista da Semana*, entre os anos 1914 e 1917 (O’Donnell, 2013, p. 103). O aprendizado das sociabilidades na praia foi feito a exemplo das experiências de sucesso dos balneários europeus, visando à associação entre a valorização dos atributos naturais dos bairros atlânticos cariocas a uma ocupação suntuosa e elegante.

3 Aqui, compreendemos “excentricidade” como uma característica dos bairros afastados do Centro e da Zona Sul, que, pouco a pouco, se tornavam o centro das atenções da abastada burguesia carioca e dos visitantes da cidade do Rio de Janeiro.

Se nas primeiras duas décadas do século XX o Rio de Janeiro, culturalmente efervescente, em especial no Centro da cidade, era simbolizado pela cidade das letras, a partir dos anos 1920 a ocupação dos bairros atlânticos fez com que pouco a pouco a imagem da cidade se dissociasse do passado vinculado às sociabilidades do Centro – cafés, bares, confeitarias, teatros, cinemas – e se deslocasse paulatinamente em direção à Zona Sul e à cultura da vida praiana em meio à paisagem do mar, emoldurada pelas montanhas. Na cidade maravilhosa vislumbrada por Coelho Netto, a paisagem urbana estava presente sim, mas como uma beleza que emoldura a vida na cidade que tinha como palco primeiro o Centro e as suas sociabilidades. A partir do momento em que os antigos usos sociais foram dando lugar a outros usos, vinculados aos bairros atlânticos, e que a vida literária acompanhou esse processo de aburguesamento, a imagem de cidade maravilhosa se transformou, deixando pouco a pouco de representar a efervescente vida cultural do Centro carioca para passar a se identificar especialmente com as belezas naturais da cidade espaiada entre o Atlântico e o Maciço da Tijuca.

A IMAGEM TURÍSTICA DO RIO DE JANEIRO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

A imagem que se fixou do Rio de Janeiro, findo o século XX, é a da cidade que se destaca em razão da beleza da sua paisagem urbana. Freire-Medeiros e Castro (2013, p. 34) são conclusivos ao afirmarem que “o que hoje é percebido como uma ‘natureza turística’ da cidade é, portanto, apenas um momento de um longo processo de construção cultural, sempre inacabado”. Antes, no início do século XX, a imagem de divulgação mais comum da cidade era justamente a visão que se tem a partir da entrada da baía de Guanabara, de onde se avistava o desenho das montanhas que limitavam a área urbana central, onde o visitante iria aportar e de onde partiria para conhecer a cidade. Naquele momento, os turistas chegavam ao Rio por mar e a primeira vista que tinham da cidade era precisamente essa. Ao longo dos anos, com a expansão urbana em direção aos bairros atlânticos, bem como a evolução tecnológica que passou a introduzir as viagens aéreas, o ponto de vista pelo qual se toma o panorama da cidade do Rio de Janeiro se desloca paulatinamente da baía de Guanabara para o Atlântico, o que se pode observar a partir de uma análise de alguns dos guias e mapas turísticos da cidade, que circulavam nas primeiras décadas do século XX.

A publicação de guias turísticos sobre a cidade do Rio de Janeiro nos ajuda a acompanhar a transformação do modo como a cidade foi vista e apresentada aos visitantes ao longo do último século. Charles Morel e Henrique Morel, por meio do *Guide de L'Etoile du Sud: La ville de Rio de Janeiro*, queriam tornar a cidade conhecida dos europeus. Escrito em português e francês, a primeira edição do guia é de 1897, feita pelo pai, Charles Morel, e a segunda edição, de 1905, contou com a colaboração do filho, Henrique Morel. Como era costume, o guia traz uma breve história da cidade e fotografias de alguns políticos da época, como as do prefeito Pereira Passos e do presidente Rodrigues Alves.

Chamam a atenção alguns aspectos muito particulares: a presença de aconselhamento sobre cuidados com a higiene e saúde, como, por exemplo, evitar a exposição ao sol, tomar

banho frio apenas de manhã ou à noite, não adicionar gelo às bebidas, evitar o sereno, sair o mínimo possível à noite, evitar excessos – alcoólicos ou de qualquer ordem; e também as detalhadas informações sobre os sintomas da febre amarela. Convém sublinhar que, naquele momento, a cidade ainda era considerada pestilenta e, apenas um ano antes da segunda edição do guia, havia sido palco da Revolta da Vacina. Reescrito no calor das reformas urbanas, critica as ruas estreitas e mal pavimentadas do Centro da cidade e já previa a mudança do comércio de luxo da rua do Ouvidor para a avenida Central, tão logo fosse inaugurada.

De acordo com os argumentos higienistas, o guia maldiz a abundância de morros na cidade porque eles contribuem para a demora no deslocamento de um ponto a outro, tendo em vista que tinham de ser contornados, uma vez que ainda não havia tantos túneis como hoje em dia. Como foi escrito durante as reformas, alerta que muitas indicações sobre as ruas, especialmente as do Centro, poderiam não estar mais de acordo com a realidade quando fossem finalizadas as obras. Como em vários outros guias, livros e catálogos sobre a cidade do Rio de Janeiro, a imagem da baía de Guanabara e do Pão de Açúcar era a primeira a figurar no *Guide* de Charles e Henrique Morel. A recorrência a imagens da baía de Guanabara nessas publicações estava relacionada ao fato de ser aquele local o ponto de entrada na cidade do Rio de Janeiro, quando a maioria dos visitantes ainda chegava por mar (Castro, 1999, p. 83). Era necessário, portanto, ambientar os turistas com aquilo que primeiro causaria impacto na chegada à cidade e que se faz presente no imaginário dos visitantes e cariocas como uma das mais importantes paisagens que simboliza o Rio de Janeiro: a vista da cidade espreada entre o mar e as montanhas.

Se comparado aos guias atuais, há dois aspectos presentes no *Guide* de Charles e Henrique Morel que já não estariam presentes da mesma forma nos guias mais modernos. Nas primeiras décadas do século XX, o primeiro passeio indicado ao turista deveria ser feito de bonde e à pé, visitando ruas, monumentos e edifícios do Centro da cidade. Algumas vezes o passeio ficava limitado ao Centro e outras vezes se estendia aos bairros banhados pela baía de Guanabara. Hoje, os primeiros passeios indicados aos visitantes são os mirantes do Pão de Açúcar e do Corcovado e as praias dos bairros atlânticos: Copacabana, Ipanema e Leblon. O segundo aspecto diz respeito à organização do mapa turístico da cidade. Hoje em dia, a parte inferior do mapa, de onde começamos a lê-lo, está ocupada pela orla da zona sul, enquanto naquela época era ocupada pelo Centro da cidade. Vale sublinhar que os bairros atlânticos sequer apareciam no mapa turístico da cidade anexado ao *Guide* dos Morel.

Na ocasião da Exposição Internacional de 1922, que comemorava o centenário da Independência do Brasil, foi publicado o “Guia Oficial da Exposição” que, além de dados sobre os pavilhões e um mapa de toda a região que a exposição abrangia, servia também de guia turístico, introduzindo o visitante à cidade do Rio de Janeiro. Após a gestão do prefeito Pereira Passos, outros prefeitos deram prosseguimento às obras iniciadas na primeira década do século XX, observando os paradigmas higienistas e urbanistas da época. O prefeito Carlos Sampaio foi exemplo disso, sendo conhecido especialmente pelo desmonte do morro do Castelo – local de fundação da cidade do Rio de Janeiro, fortemente associado ao passado colonial carioca – e pela realização da Exposição Internacional.

O guia, escrito em português, francês e inglês, traz toda sorte de informações turísticas importantes: sugestões de meios de hospedagem – a maioria delas no Centro da cidade –, meios de transporte da cidade, agências de viagem especialmente dedicadas a cruzeiros marítimos, endereços de embaixadas e consulados, além de indicações de bares e restaurantes, o que segue sendo comum aos guias contemporâneos. O guia informa ainda que o Palácio Monroe – construído para ser o pavilhão do Brasil na Exposição Universal de Saint Louis, sendo desmontado e transportado para o Rio de Janeiro para ali ser remontado em 1906 – seria usado como uma espécie de centro de atendimento ao turista, oferecendo serviços de informações, câmbio, agenciamento, bem como material de propaganda e venda de bilhetes para teatro e afins.

Tal como o *Guide* de Charles e Henrique Morel, a primeira imagem que consta no Guia da Exposição de 1922 é uma tomada da baía de Guanabara com o Pão de Açúcar. Por outro lado, os primeiros passeios pitorescos indicados em 1922 são a subida ao Pão de Açúcar, onde já estava instalado há dez anos o bondinho, e a ida de trem elétrico ao Corcovado. A essa altura, o Corcovado oferecia apenas um panorama da cidade, tendo em vista que o Cristo Redentor seria inaugurado anos depois. De todo modo, os bairros atlânticos ainda não constavam entre os passeios sugeridos, e o Centro da cidade figurava como a “menina dos olhos” do carioca:

Nestes últimos vinte anos desde a administração do prefeito Pereira Passos à administração atual do prefeito Carlos Sampaio, as grandes obras de higiene e embelezamento converteram a antiga cidade colonial, de ruas estreitas, iluminação deficiente e construções antiquadas, numa metrópole moderna, profusamente iluminada, excelente calçamento de asfalto, construções magníficas e largas avenidas arborizadas e formosos jardins públicos (Guia Oficial da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, 1922, p. 285).

Com esses exemplos conseguimos observar como a imagem da cidade mudou em decorrência de todo tipo de transformações que ela viveu. A mudança da imagem da cidade para os próprios cariocas e para os estrangeiros alterou também a experiência turística que se experimentou no Rio de Janeiro ao longo do século XX. Enquanto nas primeiras décadas do século XX os guias destacam a vista da baía de Guanabara e a visita ao Centro e seus monumentos e edifícios, nas últimas décadas desse século se observa que o destaque passa a ser as praias da Zona Sul e os mirantes do Pão de Açúcar e do Corcovado. Os indícios que a pesquisa nos guias e mapas turísticos da cidade nos dão são de que essa mudança na imagem turística, que resulta de uma mudança na concepção de cidade maravilhosa, se intensificou e consolidou entre os anos 1930 e 1970. Celso Castro (1999, p. 84) pondera que “não se trata de uma relação de determinação direta, e sim de interação: às vezes muda a cidade, muda o turismo; outras vezes, a partir de modificações no mundo do turismo, introduzem-se alterações urbanísticas na cidade.” A imagem turística da cidade do Rio de Janeiro se viu transformada na medida em que a cidade das letras de princípios do século XX, sediada no Centro da cidade, passou a concorrer com a expansão da área urbana e o desenvolvimento

dos bairros atlânticos, que figuram nos cartões-postais e demais *souvenirs*, e hoje simbolizam a principal paisagem da cidade maravilhosa.

A imagem da cidade que se construía na literatura ganhou forma e vigorou como cidade das letras justamente porque efervesciam os encontros culturais e as experiências intelectuais nos mais diversos ambientes no Centro da cidade, dos cafés aos teatros. Assim, a *cidade maravilhosa* era a cidade das letras, a cidade onde o Centro, as suas sociabilidades e a paisagem da Guanabara – e não os bairros atlânticos e o lazer ao ar livre – eram o destaque entre cariocas e estrangeiros. Na medida em que a literatura foi deixando de ser o terreno em que se construía as imagens da cidade e o Rio de Janeiro passou a se expandir e se desenvolver no sentido da Zona Sul, a expressão *cidade maravilhosa* ganhou novo significado, que expressa antes as belezas naturais relacionadas à paisagem da cidade que cresceu entre as montanhas e o Atlântico. A imagem turística da cidade acompanhou essas mudanças e continua a confirmar essa nova visão da cidade maravilhosa, que as últimas décadas do século XX e os primeiros anos do século XXI seguem ratificando.

Referências bibliográficas

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AZEVEDO, André Nunes de. A capitalidade do Rio de Janeiro: um exercício de reflexão histórica. In: AZEVEDO, André Nunes de (org.). *Anais do Seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade*. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/ NAPE/ DEPEXT/ SR-3/ UERJ, p. 45-63, 2002.

CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

COSTA, Amanda Danelli. *Cidade, reformas urbanas e modernidade: o Rio de Janeiro em diálogo com João do Rio e Augusto Malta*. 2011. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011. 178f.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; CASTRO, Celso. Destino: cidade maravilhosa. In: CASTRO, Celso; GUIMARÃES, Valéria Lima; MAGALHÃES, Aline Montenegro (org.). *História do turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

GUIA Oficial da Exposição Internacional do Rio de Janeiro em 1922. Rio de Janeiro: Bureau Oficial de Informações, 1922. 392p.

MOREL, Charles; MOREL, Henrique. *Guide de l'Etoile du Sud: La Ville de Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Edición l'Etoile du Sud, 1905. 159p.

O'DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel; Sesc, 2001.